

**COMENTÁRIO ÀS PRODUÇÕES DIDÁTICAS DIRECIONADAS AO ENSINO MÉDIO:
ANÁLISE DE UM SONETO DE GREGÓRIO DE MATOS**

Claudia Vanessa BERGAMINI¹

RESUMO

Este artigo dedica-se a analisar a transcrição de um soneto de Gregório de Matos inserido no material didático de alunos do ensino médio. Trata-se de dois sistemas de ensino bastante renomados. Para realizar a análise, partiu-se da observação crítica dos sonetos e, depois, foi proposta uma versão que se julga mais didática ao público para a qual ela é direcionada. Em que pese o fato de ser a crítica textual uma tarefa árdua que exige do pesquisador amplo conhecimento literário, histórico e filológico, com este estudo, observou-se a necessidade latente de que os sistemas de ensino tenham cuidado especial com os textos que compõem o material.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica textual. Material didático. Transcrição.

**COMMENT ON PRODUCTIONS DIRECTED TO TEACHING SECONDARY
EDUCATION: ANALYSIS OF A SONNET OF GREGORIO DE MATOS**

ABSTRACT

This article is dedicated to analyze the transcription of a sonnet Gregorio de Matos inserted into the teaching material of high school students. These are two very renowned school systems. To perform the analysis, broke the critical observation of the sonnets, and then proposed a version that is deemed more instructive to the public to which it is directed. Despite the fact that textual criticism an arduous task that requires the researcher ample literary, historical and philological knowledge, this study, there was a latent need for education systems take special care with the texts that make up the material.

KEYWORDS: textual criticism, teaching materials, transcript.

Palavras iniciais

Ao adentrar o ensino médio, o aluno depara-se com o estudo sistematizado da Literatura. Em um primeiro momento, as aulas são direcionadas para o estudo da versificação, das rimas, das figuras de linguagem, das diferenças entre a prosa, o verso e a prosa poética. Trata-se de um período em que o aluno se vê diante da análise estrutural de um texto. Ainda imaturo para tal atividade, não raras vezes a desmotivação e o desinteresse imperam em sala de aula.

Apresentadas tais características formais, inicia-se o estudo das escolas literárias, a começar pela primeira época lírica portuguesa, o Trovadorismo, depois o Renascimento Cultural, com o Humanismo e o Classicismo, até chegar ao período colonial brasileiro, momento em que o

¹ Aluna do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita – UNESP – campus de Assis. Email: claudia.berg@hotmail.com

nome de Gregório de Matos circula como principal expoente. O ensino de Literatura prossegue no nível médio passando pelas demais escolas e estéticas literárias, não somente do Brasil, mas também de Portugal.

Apresentadas a partir de uma visão cronológica, as estéticas literárias acabam sendo, para o aluno, manifestações que somente são visíveis em um determinado contexto. Tal visão vem sendo sustentada pelos materiais didáticos de forma exaustiva, a contribuir com a concepção de que um estilo literário só circula naquele período. Daí a dificuldade do aluno analisar poemas ou romances nos quais não se têm definidas mascas da estética vigente. Cita-se, a exemplo, o romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, cuja classificação sistemática o coloca como representante do Romantismo, mas a leitura traz ao aluno dúvidas, uma vez que não se podem reconhecer no enredo os elementos que didaticamente são atribuídos às obras de tal período.

Dessa maneira, observa-se que o ensino de Literatura no nível médio ainda se apresenta de forma limitada, justo porque se fia nessa classificação cronológica. Outro ponto a ser observado no que se refere ao ensino de Literatura no nível médio diz respeito ao modo como os poemas são apresentados. Há materiais didáticos que menosprezam questões ligadas à métrica ou a aspectos linguísticos, sobretudo, quando se tem poemas do período colonial, em que o vocabulário destoa do contemporâneo; assim, são feitas adaptações semânticas que ora estão descontextualizadas ora implicam a perda da métrica original do texto.

Nesse sentido, este artigo analisa a apresentação de um soneto de Gregório de Matos, em dois materiais didáticos destinados ao ensino médio. Ressalta-se que ambos são sistemas de ensino renomados no Brasil. Verifica-se os aspectos ligados ao vocabulário, à métrica e ao modo como o poema é abordado, descontextualizando-o de seu período. Não se trata de tecer críticas ao material em análise, tampouco de se propor que os materiais didáticos sejam edições críticas; antes, porém, deseja-se enfatizar o papel da crítica textual como área do conhecimento que respeita a língua, as formas, a fonética, o tempo e o autor do texto.

A escolha do tema deste artigo se deu motivada por três fatores. O primeiro deles se refere à larga experiência docente da pesquisadora nas séries do ensino médio. Da atuação como professora, surgiram as observações críticas em relação ao material didático, sobretudo ao que se refere à adaptação da linguagem dos poemas do período colonial ou mesmo das cantigas trovadorescas e textos dramáticos de Gil Vicente. A adaptação, com vistas a aproximar a linguagem do texto à realidade do aluno, acarreta problemas de ordem diversa, a saber: divergências métricas, descontextualizações e questões semânticas. Não raras vezes, a pesquisadora depara-se com adaptações errôneas que em muito influenciavam, de forma negativa, a aprendizagem, chegando a confundir o aluno em formação.

Por fim, o terceiro fator diz respeito ao curso *Teoria e Crítica Textual: Teoria e Prática*, ministrado pelo professor Dr. Francisco Topa no primeiro semestre de 2014. Trata-se de atividade inerente ao Programa de Pós Graduação – curso de doutorado – da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Campus de Assis. Ao longo das aulas, foi possível vislumbrar a necessidade de que qualquer adaptação a um texto seja feita com zelo, sobretudo quando este se direciona ao jovem em formação.

Diante dessa realidade, buscou-se, neste estudo, analisar o modo de apresentação de um poema de Gregório de Matos, poeta que melhor representa a poesia barroca em Língua Portuguesa. Tomam-se dois materiais didáticos e analisa-se a maneira como foi apresentado um soneto, cuja autoria é atribuída ao poeta baiano.

Cabe ressaltar que a obra de Gregório de Matos, como enfatiza Topa (1999, p. 19), ficou inédita por quase dois séculos e, somente no século XX, alcançou êxito. Feito que só ocorreu graças a duas tentativas de edições integrais, uma de Afrânio Peixoto e outra de James Amado. A partir desses autores, multiplicaram-se os estudos sobre Gregório de Matos; porém, Topa (1999) esclarece que em muitos deles se vê a falta de serenidade e de profundidade crítica para falar do autor. Passados 15 anos do trabalho realizado por Topa sobre os manuscritos de Gregório, tal estudo ainda se configura como o mais substancial acerca do poeta barroco.

Inserido no século XVII, Gregório de Matos dedicou-se à produção de textos que abarcam as vertentes religiosa, reflexiva e amorosa, tem-se ainda a poesia satírica, por meio da qual ele se tornou mais conhecido. A própria crítica contribuiu para que se pensasse que a essência de Gregório de Matos estivesse na poesia satírica, Jose Veríssimo (1969), o primeiro a produzir a História da Literatura Brasileira e que, de certa forma, acaba por influenciar as que vieram depois, assevera que a parte séria das suas composições é genuinamente do pior seiscentismo. Já Araripe Junior (1970) eleva a produção do poeta, enfatizando que na sintaxe dos versos da última fase do poeta há algo de pouco comum com aquela que praticavam os poetas do seu tempo, como se vê no uso da regência direta, o parco emprego do hibérbato e a clareza de pensamento, nem sempre encontrada nos cultistas de então.

Os materiais didáticos dos quais partiu este estudo enfatizam sobremaneira a sátira de Gregório, comentam de modo superficial a poesia religiosa, apresentam um exemplo da lírica reflexiva, por meio de um poema em que o eu-lírico reflete sobre a brevidade da vida, e quanto à lírica amorosa, não se tem um exemplo sequer.

Direcionados a alunos do ensino médio, os materiais didáticos que balizaram este estudo apresentam, então, comentários superficiais ligados ao autor em tela, e mais superficiais ainda são as atividades solicitadas, por meio das quais não se podem propor reflexões ligadas à métrica, à

presença das figuras de linguagem ou mesmo ao sentido que expressões ou palavras remetem. Assim, considera-se que o estudo da obra gregoriana, cujos vestibulares solicitam com veemência, ocorre de modo superficial e vicioso, considerando somente o aspecto biográfico ou satírico em detrimento do estético ou semântico da obra do autor.

Apresentação do soneto em análise

O soneto aqui analisado pertence à lírica reflexiva atribuída a Gregório de Matos. A escolha por tal poema se justifica tendo em vista a escassez de poemas apresentados nos materiais didáticos que, conforme já sinalizado, enfatizam a sátira em detrimento a outras vertentes. Além disso, trata-se de um soneto emblemático, o qual é comumente empregado para o ensino da poesia reflexiva gregoriana, como se fosse o único que escreveu o poeta baiano, o qual, conforme registrou Topa (1999) em sua tese, produziu mais de 900.

Abaixo segue o soneto à maneira como está disponibilizado nos materiais, os quais se identificam com as letras P e A.

Material Didático P

Discreta e formosíssima Maria

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia;

Enquanto com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança brilhadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda flor sua pisada.

Ó não aguardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sobra, em nada.

Material Didático A

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,

Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto, com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh, não guardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sobra, em nada.

A começar pelo título, observe que em P, o primeiro verso foi empregado como título do poema, já em A isso não ocorre e não há qualquer menção ao título do soneto. À época, não era comum atribuir título a todos os textos, por isso, é bastante recorrente empregar o primeiro verso como título, isso ocorre também com os sonetos camonianos e mesmo com outros sonetos de Gregório. Mas em nenhum momento é tecido qualquer comentário sobre o título, nem direcionado ao aluno, tampouco ao professor, que se vê sozinho diante de tal situação.

No primeiro quarteto, observa-se que a letra maiúscula foi empregada no início de todos os versos, quando, na verdade, trata-se da mesma ideia e, portanto, somente no primeiro verso deveria ter sido grafada a palavra ‘Discreta’ com letra maiúscula, além de Maria por ser substantivo próprio.

Ainda no primeiro quarteto, depara-se com uma variação no último verso. Enquanto em P, tem-se: *‘Em teus olhos e boca, o Sol e o dia;’*, em A, tem-se *“Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:”*. Nota-se que em P a vírgula aparece depois de ‘boca’, já em A, ‘e boca o sol’ aparece entre vírgulas. Entende-se que a pontuação deve ocorrer somente depois da palavra ‘boca’, uma vez que a ideia contida nos versos é a de que os olhos reluzem como o sol e a boca é quente e agradável como o dia. A figura presente nesse verso é denominada zeugma, que consiste na omissão de um verbo já mencionado anteriormente. Nesse sentido, a ideia é a de que é possível ver a qualquer hora nos olhos e na boca o sol e o dia.

Ao final do quarto verso do primeiro quarteto se verifica que P transcreveu o verso com ponto e vírgula, já A preferiu os dois pontos. Entende-se que o emprego do ponto e vírgula é mais adequado, uma vez que o eu-lírico se dirige à Maria e a oração iniciada por ele no segundo verso deste quarteto ainda continuará a ser construída no quarteto seguinte, por isso, a preferência por essa pontuação.

No segundo quarteto, cujos versos deveriam se iniciar com letra minúscula, em A ocorre o emprego de uma vírgula depois de ‘enquanto’, no primeiro verso, em P essa vírgula já não aparece. Concorde-se com A, pois a pontuação ali enfatiza o modo como o ar espalha o cabelo de Maria.

No que se refere à seleção vocabular, a palavra ‘brilhadora’, presente em P, foi substituída por ‘voadora’ em A. Observa-se que no contexto dos versos, ‘voadora’ seria a palavra mais adequada, pois o ar é quem espalha a trança; portanto, o sentido de brilhadora não se sustentaria no conjunto da estrofe.

Um aspecto negativo do material P é a ausência de uma referência a palavras cujo entendimento dariam ao aluno uma visão mais profunda do texto, em A, encontra-se um glossário no qual quatro palavras têm seu significado explicado, a saber: discreta, transcrita como inteligente, sagaz; adônis, personagem mitológica, homem dotado de extrema beleza (nota-se que foi transcrita com letra minúscula e não maiúscula como ocorre no texto); trança, cabelos; fria, madrugada.

No primeiro terceto, os dois primeiros versos são transcritos da mesma maneira, mas no terceiro verso, A não colocou vírgula depois de ‘ligeireza’, já P colocou. Optou-se por suprimir a vírgula, pois a conjunção ‘e’ que inicia o próximo verso já dá ritmo ao texto e une os dois versos, portanto, a vírgula não parece necessária.

No último verso desse terceto, em P se tem a supressão de um artigo antes da palavra ‘flor’; já em A, tem-se ‘toda a flor’. Nota-se que semanticamente a presença ou ausência do artigo altera o sentido do que se diz, pois ‘em toda flor’, como em P, a ideia é a de que a marca do tempo é impressa em toda flor, qualquer uma. Já em A, o sentido é de totalidade, ou seja, na flor inteira. Assim, como flor é metáfora de mocidade, a ideia é a de que Maria seria em tudo afetada pelo tempo que vem com rapidez consumir a mocidade. Versão que se acredita ser a mais conivente com o sentido do texto. Além disso, mais uma vez se nota que em A e em P a letra maiúscula foi empregada em todos os versos, mas não houve ainda emprego de pontuação que justificasse tal recurso.

O segundo terceto inicia-se com letra maiúscula, em ambos os textos, o que se justifica, pois o verso anterior recebeu ponto final, mas somente a letra maiúscula deveria ter sido empregada no primeiro verso e não em todos como ocorreu nas versões em análise. A interjeição que aparece no primeiro verso foi grafada ‘Ó’ em P e ‘Oh’ em A. Por se tratar de uma interjeição, acredita-se que o mais adequado seria ‘Oh!’, da forma como ocorre em ‘A’, mas com a inserção do ponto de exclamação, visto se tratar de uma espécie de advertência que o eu-lírico dirige à Maria.

Em relação à métrica, mesmo com a inserção do ‘a’ no terceiro verso do primeiro terceto, não se observa alteração, todos os versos são decassílabos heroicos.

Cabe ainda destacar que nenhum dos materiais demonstrou preocupação em orientar, seja o aluno ou o professor, sobre a escrita em letra maiúscula das palavras ‘Aurora’, ‘Sol’ e ‘Adônis’. Nesse caso, entende-se que caberia uma nota explicativa ao leitor sobre tal recurso, visto se tratar de elementos da natureza que ali se encontram em destaque. No caso de A, já se ressaltou que, no glossário, a palavra ‘Adônis’ foi grafada com minúscula. Outra explicação que caberia se refere à mulher a quem o eu-lírico se dirige, ou seja, Maria, que no contexto barroco pode ser interpretada como referência religiosa, mas no contexto do poema a palavra pode ter sido empregada de maneira genérica, ou seja, referindo-se a qualquer mulher.

Diante dessas constatações, elaborou-se uma versão para o poema, a qual se apresenta abaixo. Não se deseja de modo algum propor esta versão como definitiva ou a única adequada do texto, o que se pretendeu foi criar uma versão a partir de indagações advindas de alunos em situações reais em que o soneto foi lido em sala de aula.

Versão Proposta

Discreta² e formosíssima Maria³,
enquanto estamos vendo a qualquer hora
em tuas faces a rosada Aurora⁴,
em teus olhos e boca, o Sol e o dia,

enquanto, com gentil descortesia,
o ar, que fresco Adônis⁵ te namora,
te espalha a rica trança⁶ voadora,
quando vem passear-te pela fria⁷:

goza, goza da flor da mocidade,
que o tempo trota a toda ligeireza
e imprime em toda a flor sua pisada.

Oh! Não aguardes que a madura idade
te converta essa flor, essa beleza
em terra, em cinza, em pó, em sobra, em nada.

A versão aqui proposta apresenta alterações, em relação às presentes no material didático nos versos:

² Discreta: inteligente e sagaz.

³ Maria: referência à mãe de Jesus, ou no soneto pode se referir a qualquer mulher esperta e inteligente.

⁴ Aurora: refere-se ao amanhecer do dia, à claridade vista no céu antes do sol nascer. A letra maiúscula enfatiza o elemento da natureza, assim como Sol também está em maiúscula.

⁵ Adônis: personagem da mitologia grega, de grande beleza.

⁶ Trança: cabelos.

⁷ Fria: madrugada.

V 1: inserção de nota explicativa para as palavras Discreta e Maria;

V 2: letra minúscula e ausência da vírgula;

V 3: letra minúscula e nota explicativa para a palavra Aurora;

V 4: letra minúscula, colocação da vírgula depois da palavra boca e ponto e vírgula no final do verso;

V 5: a expressão ‘com gentil descortesia’ entre vírgula;

V 6: letra minúscula e nota explicativa para a palavra Adônis;

V 7: letra minúscula e opção pela palavra ‘voadora’;

V 8: letra minúscula e nota explicativa para a palavra fria;

V 9: letra minúscula;

V 10: letra minúscula e supressão da vírgula;

V 11: letra minúscula e preferência por manter o artigo ‘a’;

V 12: letra maiúscula e inserção do ponto de exclamação;

V 13: letra minúscula;

V 14: letra minúscula.

Palavras finais

Ainda que se tenha em mãos o manuscrito original de um texto, realizar um trabalho de crítica textual torna-se árduo, pois podem ocorrer dificuldades acarretadas por ilegibilidade, rasuras no documento ou manchas do tempo, provocadas por algum inseto como a traça. Fato é que a atividade de transcrição de um texto exige conhecimentos filológicos, de teoria literária e também históricos. Por isso, as edições críticas da produção de um autor são escassas, primeiro pela dificuldade, muitas vezes, de reunir o manuscrito, segundo pela exigência de tempo e conhecimento os quais darão à edição um corpo mais denso e significativo.

A intenção deste estudo, conforme já sinalizada, não foi de elaborar um estudo aprofundado do soneto gregoriano, mas sim de apontar como as produções didáticas, em especial as duas renomadas das quais se partiu, carecem de cuidados ao elaborarem seus materiais.

Ao longo da análise, observou-se que não ocorreu referência a nenhuma fonte, não houve por parte de P, sobretudo, a preocupação em contextualizar as palavras, nem em observar se o acréscimo de um artigo ou de uma vírgula poderia alterar o sentido do verso.

Em A, embora se tenha o glossário, este poderia ser ampliado, esclarecendo sobre o emprego das palavras em maiúsculo, por exemplo. Ao lado da leitura de um texto, decorre também a leitura de um tempo, de um contexto; assim, acredita-se que ler com alunos do ensino médio um

soneto é uma atividade que vai além da leitura simplificada, pois o professor articula conhecimentos vários, a fim de dar significado ao texto.

Por fim, ressalta-se que os avanços tecnológicos são inúmeros; porém, não suprimiram, e nem irão suprimir, o papel do professor e do material didático. Dessa maneira, acredita-se que o cuidado com as transcrições, assim como com as atividades propostas, cuja discussão não coube a este artigo, deve ser posto em evidência, a fim de que o aluno que desfrute desses materiais possa ter acesso a textos mais explicativos, independente da época a que fazem parte.

Referências

ANGLO. **Ensino médio**: caderno de exercícios. São Paulo: anglo, 2012.

ARARIPE JÚNIOR, T. de A. **Obra Crítica de Araripe Júnior**. (Dir. de A.Coutinho) 1ª. ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Brasília: MEC, 1958: I; 1960:II; 1963:III; 1970: V.

PEIXOTO, Afrânio. **Obras de Gregório de Mattos**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1923-1933, 6. vols.

POLIEDRO. **Português e Literatura**. Ensino Médio. São José dos Campos: Poliedro, 2013.

TOPA, Francisco [José de Jesus]. **Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos**. Porto: Edição do Autor, 1999, vol. I, t. 1, p. 19-23.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.